

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA**

DIANA SABINO FRAZÃO MENDES

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA PEDÁGOGA EM CONSTRUÇÃO**

Imperatriz
2023

DIANA SABINO FRAZÃO MENDES

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA PEDAGOGA EM CONSTRUÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura

Imperatriz
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SABINO FRAZÃO MENDES, DIANA.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA
PEDADOGA EM CONSTRUÇÃO / DIANA SABINO FRAZÃO MENDES. -
2023.

52 f.

Orientador(a): PROF. DR JÓNATA FERREIRA DE MOURA.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO, 2023.

1. Autobiografia. 2. Curso de Pedagogia. 3.
Formação. 4. Pibid. I. FERREIRA DE MOURA, PROF. DR
JÓNATA. II. Título.

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA PEDAGOGA EM CONSTRUÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura
Orientador

Prof. MSc. John Jamerson da Silva Brito
1º Examinador

Prof. Esp. Wellington dos Santos Silva
2º Examinador

Dedico este trabalho aos meus filhos, Gabriel e Anna Beatriz, e ao meu marido Francinaldo por todo o apoio e amor. Tenho orgulho de ser a mãe e esposa de pessoas tão incríveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por sua bondade, por me manter firme em meio a todos os desafios, pela saúde e por suprir todas as necessidades ao longo de toda minha trajetória. Obrigada por ser fiel e tão bondoso para conosco.

A meu pai Elias Moraes Frazão, por todo esforço e empenho para garantir o sustento da nossa família e os meus estudos, mesmo dentro das suas possibilidades. Meu pai nunca deixou faltar nada. Obrigada por todos os ensinamentos, por ser esse homem sério e calado, mas cheio de honestidade e generosidade.

À minha mãe Rita Sabino Frazão, por ter me concedido a vida. Ela sempre foi minha maior incentivadora, a mulher mais mansa e batalhadora que conheço. Sempre escuta minhas lutas e me socorre quando preciso, além de vibrar e chorar ao meu lado por cada conquista. Obrigada por ser essa mãe incrível, tenho imenso orgulho de ser sua filha.

Ao meu marido Francinaldo Lima Mendes. O que falar de você? Ficou mais feliz e emocionado do que eu com a minha aprovação na universidade. Sempre foi um grande apoiador e meu suporte no trajeto de ida e volta para a universidade durante os cinco anos da minha vida acadêmica. Paciente e companheiro, te amo!

Agradecer aos meus filhos Gabriel Sabino Frazão Mendes e Anna Beatriz Sabino Frazão Mendes, por serem o sol e a luz da minha vida. Obrigado por todo o incentivo e por serem filhos tão incríveis.

À Universidade Federal do Maranhão, por me proporcionar todos esses momentos de grande aprendizado. Agradeço, ainda, a todo corpo docente do curso de pedagogia pelos ensinamentos e contribuições que me marcaram de forma significativa, em especial, a todos os professores que contribuíram de forma direta na minha formação: Carlos Humberto Silva de Sousa, Erivânio da Silva Carvalho, Flaviana Oliveira de Carvalho (de forma especial, por toda motivação e por ser uma professora que marcou minha vida), Francisco de Assis Carvalho de Almada, Janeth Carvalho da Silva Cardoso, José Batista de Oliveira, Marcella Arraes Castelo Branco, Mariléia Santos Cruz, Neylson Oliveira da Silva, Raquel de Moraes Azevedo, Simone Regina Omizzolo e Vicente Marques de Castro Neto. Foram cinco anos intensos e de muitas alegrias que jamais vou esquecer, muito obrigada!

Ao professor Jónata Ferreira de Moura, que prontamente aceitou ser meu orientador. Obrigada por todos os ensinamentos e compreensão, tenho muito respeito

e admiração por você, muito antes do senhor ser meu orientador. Muito obrigada de coração.

Agradeço imensamente aos meus grandes amigos: Alexsandra de Oliveira Mendes, Carla Silva Farias, Camila Lopes Farias, Diana da Silva Simão, Edvan Pereira Lima, Hyland Farias Soares Santiago, Janaina Chaves Lima, Kaylane da Silva Sena, Kézia Lima Araújo, Lana Neto Gomes, Luís Daniel Pereira Silva, Maria Cristina Paiva de Sousa, Maria Raimunda Amorim Fernandes da Silva, Priscilla Soares Ferraz, Shirley Soares de Araújo, Thadilla da Silva Teixeira Cruz, Thais Mota Silva, Vanessa Oliveira da Silva, Wilson Mota Rocha, Walisson Guimarães Lima, minha turma 2016.2 do curso de Pedagogia, como sou grata por ter tido o privilégio de andar com cada um de vocês nessa difícil e surpreendente caminhada que é a graduação.

Em especial, ao Wellington dos Santos Silva, por trabalhar comigo na liderança da sala e por ser meu amigo em todos os momentos. Você é uma das pessoas mais generosas e altruísta que tive o privilégio de conhecer, muito obrigada meu amigo. À Sulane Pereira de Sousa, Debora Guimarães Almeida, Fátima Cristina Chaves Santos, obrigada por me acolherem e por toda parceria, vocês são incríveis. Ao John Jamerson da Silva Brito, obrigada meu amigo por tudo, por toda força, por cada palavra de incentivo, por toda acolhida e respeito, muito obrigada de coração, amo vocês!

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.
(Paulo Freire)*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a descrição das minhas vivências pessoais e história de vida, com vistas a repensar o meu processo formativo e profissional à luz das minhas narrativas de vida. Os objetivos são: 1) Narrar minha história de vida e formação escolar e acadêmica; 2) Analisar minhas experiências formativas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIm), com destaque para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa é do tipo autobiográfica, fazendo uso de relatos autobiográficos e a experiência, enquanto dispositivos para produção dos dados, procura-se fazer um retrospecto do meu processo formativo enquanto acadêmica, refletindo sobre o cenário educacional enquanto instituto de transformação pessoal e social. Fazer um relato autobiográfico se mostrou como uma forma de não apenas expor uma realidade intimista sobre o processo formativo, mas demonstrar a importância da educação como instrumento libertador e de rompimento da opressão social, como afirma Paulo Freire. Percebe-se, ao olhar para trás, que tudo aquilo que se mostrou necessário para o desenvolvimento da formação acadêmica, desde a educação infantil até o ensino superior, foi de grande valia para a formação de uma consciência de mundo sobre o papel do educador. Essa percepção se torna necessária para que se possa refletir e até mesmo criar uma autocrítica sobre quais os pontos necessários a serem melhorados e revistos.

Palavras-Chave: Autobiografia. Formação. Curso de Pedagogia. Pibid.

ABSTRACT

This Course Completion Work has as a theme to be analyzed how the academic contexts influence the country by the professional teaching field, as a formative memorial or device to record the present work. The objectives are: 1. To analyze my formative experiences in the Pedagogy course of the Federal University of Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIm), with emphasis on the Institutional Stock Exchange Program for Teaching Initiation (PIBID). 2. Narrate my life story and school and academic training; 3. Problematize minhas experiências in the Institutional Stock Exchange Program for Teaching Initiation (PIBID). The research is of the autobiographical type, making use of autobiographical accounts and experience, as devices for the production of two data, it seeks to make a retrospect of my formative process as an academic one, reflecting on the educational setting as an institute of personal and social transformation. Making an autobiographical story was shown as a way of not only exposing an intimate reality about the formative process, but demonstrating the importance of education as a liberating instrument and breaking social oppression, as Paulo Freire affirms. It is apparent, looking back, that everything here that proved necessary for the development of academic training, from early childhood education to higher education, was of great value for the formation of an awareness of the world about the role of the educator. This perception becomes necessary to be able to reflect and at the same time create a self-criticism about which points are necessary to be improved and reviewed.

Keywords: Autobiography. Formation. Pedagogy course. Pibid.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Cidade de Jatobá

Figura 02 – Minha Mãe, Rita Sabino Frazão

Figura 03 – Imagem ilustrativa de uma casa construída de "taipa"

Figura 04 – Cartilha do ABC popular nos anos 80

Figura 05 – Fotografia de família

Figura 06 – Foto ilustrativa do veículo denominado "pau de arara"

Figura 07 – Ensino médio

Figura 08 – Meu casamento

Figura 09 – Vista da fachada da escola Mutirão (1ª foto) e da biblioteca (2ª foto)

Figura 10 – Apresentação teatral de incentivo à leitura na Escola Mutirão

Figura 11 – Incentivo à leitura através da peça teatral

Figura 12 – Projeto "dia de ler todo dia"

Figura 13 – Alfabetização das crianças do 2º ano – séries iniciais

Figura 14 – Encontro pedagógico

Figura 15 – Espaço infantil de leitura (SALIMP)

LISTA DE SIGLAS

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência;

SALIMP – Salão do Livro de Imperatriz;

SEMID – Seminário de Iniciação à Docência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MINHAS NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO	16
1.1 Filha do Interior: a relação entre minha família e a educação	16
1.2 Eu, protagonista da minha história	23
1.3 O ensino superior: o caminho para a docência	31
2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: (RE)FAZER-SE NA DOCÊNCIA	35
2.1 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID ...	35
2.1.1 Minhas percepções sobre o campo, sujeitos e processos.....	37
2.1.2 Principais atividades realizadas no PIBID.....	39
2.1.3 Minhas experiências, desafios e mediações no PIBID	45
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Falar e escrever sobre as experiências¹ é algo intimista. Porém, recordar-se de momentos é algo importante para a aprimoração dos sentidos, para pensar no eu do passado, do presente e do futuro. As mudanças que a vida traz devem ser constantemente avaliadas, a fim de que seja possível entender as causas e as consequências de determinados atos corriqueiros e simbólicos em nossa própria construção enquanto seres humanos.

Na vida acadêmica e profissional, não é diferente. As vivências e as histórias pessoais passam a ser objetos de estudo das Ciências Sociais, vistos como um dos ensejos da formação do nosso pensamento, de como agimos e nos portamos enquanto educadores.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivos: 1) Narrar minha história de vida e formação escolar e acadêmica; 2) Analisar minhas experiências formativas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIm), com destaque para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e 3) Problematizar minhas experiências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Justifico tal escolha pela necessidade de se buscar entender e de ser entendida enquanto acadêmica, mas também da reflexão sobre a configuração de como os contextos acadêmicos acabaram por me influenciar na paixão pelo campo profissional da professora, pelo aprender e pela trajetória de construir-se pedagoga.

A caminhada acadêmica nem sempre é um mar de rosas, mas é desenvolvida em meio a muitos conflitos internos e externos, além de muitas descobertas no decorrer da graduação. Doenças, pandemia da Covid-19, dificuldades múltiplas, foram alguns dos embates que tiveram que ser combatidos, mas que, com a necessária persistência, foram vencidos durante este tempo desafiador.

Normalmente, os TCC são elaborados por pesquisas bibliográficas ou por análise de dados empíricos com um foco específico em um determinado tema.

¹ O entendimento sobre experiência parte do que Moura (2019, p. 13-14), afirma: “As experiências, no entender de Larrosa (2002), são situações que nos tocam, que nos passam, que nos acontecem, que nos mobilizam, que nos transformam; e para expressá-las, utilizamos as palavras, pois pensamos a partir de nossas palavras, somos seres constituídos das palavras, somos viventes com palavras. Por elas e com elas, construímos entendimentos e representações sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre as coisas.

Entretanto, as narrativas autobiográficas se tornam um excelente elemento de pesquisa, uma vez que direciona o olhar em torno do modo como o processo formativo influencia e tende a afeiçoar o perfil acadêmico-profissional na realidade.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular. (JOSSO, 2007, p. 414 e 415)

Desse modo, realizo uma pesquisa autobiográfica, que para Cruz e Ventura (2019) tem se avivado atualmente dando sentido aos mais diferentes textos narrados, assim ela vem se sobressaindo no cenário de pesquisas nas ciências humanas e sociais, como métodos para investigações de pessoas que aspiram narrar o seu processo formativo, bem como a construção de sua identidade docente. Nesse sentido,

Costuma-se lembrar que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais surge na Alemanha, com os trabalhos de Wilhelm Dilthey (1833-1911), numa ruptura com os modelos positivistas. Dilthey (1992) coloca a *reflexividade autobiográfica* no centro do paradigma compreensivo e toma a autobiografia como modelo hermenêutico para a compreensão do mundo humano. (PASSEGGI, 2010a, p. 28, grifo da autora, apud MOURA, 2019, p. 65)

Para Gil (2009), as histórias de vida ou abordagens autobiográficas são ressignificações relevantes de momentos vividos, como partes de um movimento social, familiar, educacional e formativo que influenciam na forma de pensar, agir, educar e viver de um indivíduo:

A nova atenção concedida às abordagens (auto)biográficas no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo, bem patente na produção literária e artística. Encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontade de produzir um outro tipo de conhecimento,

mais próximo das realidades educativas do cotidiano dos professores (GIL, 2009, p. 18-19).

Nessa perspectiva, esse TCC é escrito no formato de um memorial de formação, que é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. O grande impacto da experiência do memorial de formação é abarcado quando o rememorar dos acontecimentos constrói pontes com o tempo presente, criando *insights* que darão espaço para verdadeiras aprendizagens. Para Prado e Solido (s/a, p. 07):

Um **memorial de formação** é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e idéias, a que geralmente chamamos ‘textos teóricos’). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo –, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo. Em se tratando do estilo, também há lugar para diferentes possibilidades: a opção pode ser por um tratamento mais literário, ou mais reflexivo, ou pela combinação de ambos.

Importa destacar que o retrato autobiográfico, enquanto dispositivo metodológico de pesquisa, envolve o que se define como relato de vida. Mas, também não pode-se deixar de manter um perfil técnico, teórico e bibliográfico, a fim de que se relacionem as experiências com os saberes de pesquisadores que se dedicaram em pensar, avaliar e aprofundar o processo de formação pedagógica, assim, as “citações, que são a forma mais honesta de dar o devido valor aos que disseram o que gostaríamos de ter dito de um modo melhor do que poderíamos no momento” (PRADO; SOLIDO, s/a, p. 02), é o reconhecimento aos trabalhos de pesquisadores que tratam do tema desse memorial de formação.

O desenvolvimento do presente estudo se estrutura em dois capítulos. No primeiro são apresentadas as narrativas dos meus anos iniciais de formação, além dos relatos familiares e os primeiros passos no ensino superior. No segundo capítulo são trabalhadas reflexões em torno de como a universidade me auxiliou na construção da minha identidade como educadora, destacando minha atuação no PIBID.

1 MINHAS NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO

*Para compreender algo humano, privado ou coletivo, é preciso contar uma história.
(Ortega y Gasset)*

O papel dos relatos autobiográficos, para além da simples transcrição de memórias e fatos vivenciados pelo profissional da educação, é essencial para a compreensão das raízes do pensamento de um indivíduo, na tentativa de identificar as diferentes linhas de pensamento e percepções de vida que influenciaram a sua forma de pensar e de agir. Nas palavras de Oliveira (2011, p. 290):

Assim, a narrativa potencializa um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos, circunstâncias etc. de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão.

A narrativa, como um método de exposição das relações pessoais e aprendizados vivenciados pelo indivíduo, pode ajudar o no desenvolvimento do profissional da educação, permitindo-lhe desenvolver um processo reflexivo acerca de sua própria história, pensamentos e formas de enxergar o mundo.

Nesse capítulo apresento meus relatos reflexivos sobre minha constituição familiar, meus anos iniciais de formação escolar e os primeiros passos no ensino superior.

1.1 Filha do Interior: a relação entre minha família e a educação

Falcão e Farias (2018) esclarecem que a história de vida transpõe o recurso metodológico, ampliando a forma de se analisar o processo formativo e favorecendo ao indivíduo a oportunidade de conhecer a si mesmo, o outro e a sua própria realidade.

Ao narrar a sua história, com todos os percalços e vitórias, o discente em formação para a docência reconhece-se a si mesmo como um eterno aprendiz, tendo consciência das dinâmicas e mutáveis elementos do processo educativo pelos quais ainda está passando. Tal perspectiva o ajuda a relacionar-se com seus futuros alunos como um igual, como um indivíduo ainda em construção e em aprendizagem,

carregando a mesma bagagem comum a todos no percurso da educação (MOURA, 2019).

Além dos fatos que nos acontecem individualmente, reunimos ainda um conjunto complexo de sentimentos, modos de pensar e ferramentas herdadas dos nossos antepassados e das inúmeras relações interpessoais com os mais diferentes grupos sociais, como Igreja, família, escola etc. Nossas memórias se entrelaçam com as histórias de outros sujeitos, resultado de relações sociais, econômicas, relacionais, políticas e culturais as quais somos por toda a vida expostos. Rememorar é uma porta de entrada para explorarmos o passado, desenharmos o presente e vislumbrarmos o futuro.

Daí a importância de falar de si mesmo, contar a história e rever as próprias vivências, ato que requer sinceridade e coragem, e oportuniza ao sujeito o poder de reconstruir-se continuamente. Nas lições de Josso (2007, p. 435):

É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos.

Ignorar a história de vida é ignorar a própria trajetória. É ignorar toda a bagagem que nos constitui enquanto seres humanos, todas as pessoas que por nossa vida passaram e todas as experiências que jamais serão esquecidas. Por isso, nessa seção apresento minha história de vida.

Meu nome é Diana, o qual me foi dado por meu avô materno, senhor Salomão de Moura Feitosa. Ele escolheu esse nome porque, na época em que nasci (1973), a Jovem Guarda² estava em seu auge e contava com uma cantora muito famosa que se chamava Diana e que meu avô, por sinal, gostava muito, motivo pelo qual fui registrada com esse nome.

Sou a primeira filha de três irmãos, nascida em 28 de janeiro de 1973 na cidade de Jatobá³ do Maranhão, vinda de uma gravidez sossegada e muito esperada, com um parto muito tranquilo e simplório. Abaixo segue imagem da cidade:

² A Jovem Guarda foi um movimento cultural que surgiu, em 1965, por influência de um programa musical apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. O programa levava o mesmo nome do movimento, influenciado pelo *rock and roll* e pelo soul em alta na Europa e América do Norte à época." Disponível *on-line* em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/jovem-guarda.htm>. Acesso em 17/04/2023.

³ Município do interior do sul do Maranhão. Disponível *on-line* em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/jatoba.html>. Acesso em 08/05/2023.

Figura 01 – Cidade de Jatobá/MA



Fonte: Arquivo Pessoal

Desde o início da minha vida, sempre enfrentamos muitas dificuldades enquanto família. Minha mãe me conta que não tínhamos sequer uma cama, razão pela qual eu nasci em cima de esteira feita de palha e com ajuda de uma parteira⁴, e tudo isso em um dia bem agitado e ensolarado. Assim, nascia a primogênita da família Sabino Frazão.

Meus pais são nascidos em um pequeno povoado chamado Coco das Porteiras, município de Colinas do Maranhão.

Minha mãe foi filha da união de um lavrador branco e uma quebradeira de coco de descendência indígena, tendo desfrutado de uma infância extremamente difícil e pobre, como muitas famílias que ainda vivem naquela região remota do Maranhão.

⁴ “As parteiras chamadas tradicionais são mulheres que prestam assistência a parturientes antes, durante e após seus partos.” Disponível on-line em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/20-01-dia-nacional-da-parteira-tradicional-3/>. Acesso em 17/04/2023.

Figura 02 – Minha mãe, Rita Sabino Frazão



Fonte: Acervo Pessoal

Até hoje, muitas famílias que residem naquele povoado não possuem acesso ao mínimo de infraestrutura e saneamento básico, nem às condições e facilidades encontradas nos grandes centros urbanos, como, por exemplo, o acesso à educação e à saúde.

Residi em uma casa de taipa⁵, coberta de palha e sem o mínimo de conforto. A pobreza era tamanha, que até produtos básicos, como higiene pessoal, eram escassos. Tempos difíceis e o lugar era e ainda é pouco assistido pelo poder público. Abaixo mostro um tipo de casa como a que descrevi e onde minha mãe morou:

Figura 03 – Imagem ilustrativa de uma casa construída de "taipa"



Fonte: Bernardo (s.d). Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/casa-da-taipa-no-nordeste_14697373.htm. Acesso em: 08/05/2023.

⁵ “[...] a taipa é uma antiga técnica construtiva consistindo em paredes erguidas a partir de terra úmida socada em moldes (a taipa de pilão) ou de tapamento.” Disponível on-line em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/003%20Casa%20de%20taipa.pdf>. Acesso em 17/04/2023.

Um exemplo disso é o fato de que até a adolescência, o creme dental era algo raro naquela região, levando a minha mãe a utilizar a casca da árvore de juá para escovar os dentes. A comida também era muito simples: quando tinha carne, era carne de caças, utilizavam a agricultura de subsistência para nos alimentar, pois os alimentos que comiam eram cultivados pela própria família.

Por conta de todas essas dificuldades, a vida educacional da minha mãe foi muito instável. Ela nunca teve seu nome matriculado em nenhuma instituição de ensino, somente realizou seu grande sonho de estudar quando atingiu a idade de treze anos, quando teve o seu primeiro contato com a educação. Nessa época, minha mãe aprendeu a contar e a conhecer as letras através da *cartilha do ABC*, ministrada pela sua primeira professora que se chamava Maria Andrade.

Figura 04 – Cartilha do ABC popular nos anos de 1980



Fonte: Uma História a Mais (2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EK0Krkf9HPQ>. Acesso em: 08/05/2023.

A professora Maria Andrade foi contratada pela dona das terras onde a minha família materna residia, para que, no período de um ano, ensinasse todas as crianças que moravam naquele lugar, na qual se inclui minha mãe. Naquela época as crianças trabalhavam na roça com seus pais e não tinham nenhum acesso à educação. Essa professora foi a ligação necessária para estabelecer um elo da educação com aquelas crianças.

Todas as tardes, debaixo de uma linda sapucaia, a querida professora Maria Andrade reunia todas as crianças da vizinhança para ensinar a tabuada e as letras do ABC com um método bastante rígido, incluindo o uso de uma palmatória⁶.

Durante a trajetória escolar da minha mãe, a forma de ensinar era bastante rígida e inflexível. Minha mãe relata que seus colegas muitas vezes ficavam ajoelhados em sementes de milho, como forma de castigo por errar a tabuada. Essa situação foi bem demonstrada na pesquisa de Moura (2019), em que relata o quanto a tabuada regeu o ensino de matemática pelas décadas. De certa forma, a rigidez com que os professores passavam os conhecimentos naquela época, fazia com que a relação entre professor-aluno fosse baseada no controle e na transmissão tradicional do conhecimento acumulado, bem explicado nas lições de Zabala (p. 89, 1998):

A perspectiva “tradicional” atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

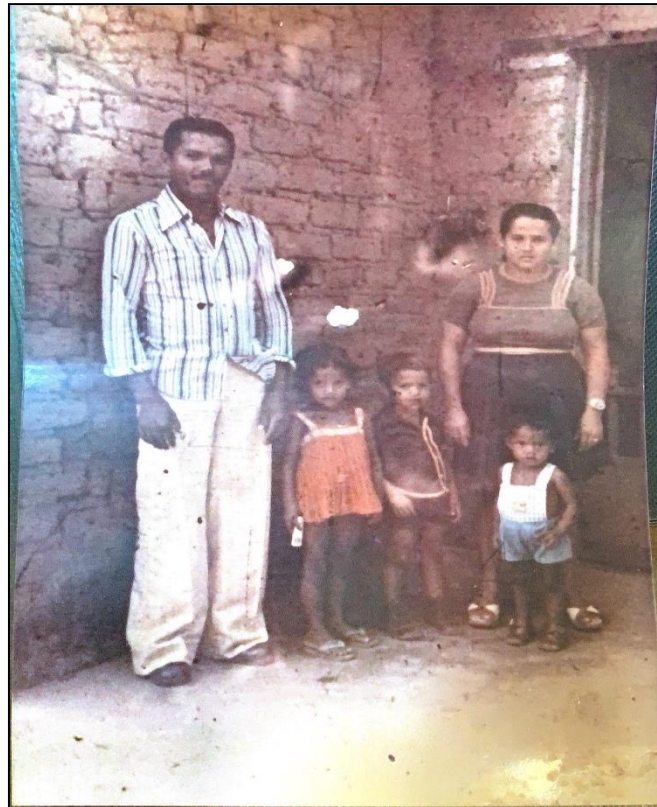
Olhando para trás eu vejo que essa metodologia influenciou na minha forma de ver o mundo. Até hoje, sou muito analítica, beirando o perfeccionismo. Muito disso se deve a formação escolar da minha mãe, que não admitia erros, punindo-os tão logo eles acontecessem.

Minha mãe é um exemplo de mulher forte e dedicada, que embora sendo semianalfabeta, sempre foi visionária, vendo no conhecimento uma porta para desbravar o mundo ao seu redor, e, através dessa visão, sempre nos incentivou a estudar.

A história do meu pai, por outro lado, foi bem diferente. O senhor Elias Morais Frazão é filho de lavradores negros, nascido em Chapadinha do Maranhão. Sendo ele o décimo de dezesseis filhos; meu pai teve uma infância simples, mas cheia de fartura, pois o meu avô era dono de muitas terras e garantiu a ele uma condição de vida razoável para a época.

⁶ “Instrumento de madeira ou couro usado para castigar alguém com golpes na palma da mão” Disponível on-line em: <https://studhistoria.com.br/qg-isso/palmatoria/>. Acesso em 17/04/2023.

Figura 05 – Fotografia de família



Meu pai Elias ao lado esquerdo, seguidos por mim, meus irmãos Isaías e Eliezer, juntamente à minha mãe Rita.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Meu pai nunca foi matriculado em uma escola. A sua única relação com os estudos aconteceu quando os meus avós paternos contrataram uma professora particular para o ensinar, juntamente com os seus irmãos, por um período de seis meses. Infelizmente devido a realidade social daquela época, nenhum dos meus avós enxergou a necessidade de investir na educação dos filhos, fazendo com que a relação do meu pai e dos meus tios com os estudos fosse curta.

O meu pai conta que meu avô sempre dizia que *“estudar é perca de tempo, pobre somente tem que saber escrever o próprio nome, isso já basta: pobre tem que trabalhar”*. Na concepção de Paulo Freire (1996), a alfabetização é um instrumento para o indivíduo se conscientizar como criador de ideias, para a abertura de novos horizontes e principalmente para o abandono de uma visão passiva diante da sociedade que está inserido.

Meu pai e minha mãe se conheceram no dia 10 de maio de 1969, na cidade de Jatobá do Maranhão, durante o festejo de São Francisco que ocorria naquela região.

Daquele encontro surgiu um amor à primeira vista. Meu pai logo convidou minha mãe para dançar e nessa mesma noite começaram a namorar.

Ao decorrer dos dias, os dois descobriram que suas famílias já se conheciam, e de forma bem rápida, após cinco meses de namoro realizaram o casamento, que aconteceu em 4 de outubro de 1970, formando uma nova família.

Após o casamento, meus pais se mudaram para o Jatobá, vilarejo onde se conheceram, até então um povoado da cidade de Colinas do Maranhão que passou a ser cidade com a sua emancipação no dia 10 de novembro de 1996.

Depois de dois anos de casamento eu nasci, em meio a uma gestação tranquila e muito esperada pelos meus pais, sendo acompanhada do meu irmão do meio Isafas Sabino Frazão e meu irmão caçula Eliezer Sabino Frazão, nos três anos seguintes. Meus dois irmãos não prosseguiram muito nos estudos, pois o primeiro somente possui o curso técnico de contabilidade e o segundo só concluiu o ensino médio.

Até hoje me pergunto o que me impulsionou a ir mais longe nos estudos do que todos os meus familiares? Quais razões me fizeram chegar ao final de um curso superior, aos 50 anos de idade? Por quais razões um aluno enfrenta todos os obstáculos, sem desistir, enquanto outros não conseguem seguir nesse maravilhoso caminho dos estudos?

As motivações que me levaram a concluir os estudos ainda me deixam intrigada, levando-me a procurar entender de que forma a relação entre o indivíduo e a educação pode alterar para sempre a vida dos indivíduos.

1.2 Eu, protagonista da minha história

Tenho orgulho de dizer que sou filha de lavradores, nascida em um pequeno povoado chamado Jatobá, no interior do Maranhão. Mesmo sendo semianalfabetos, meus pais sempre foram pessoas que tiveram um olhar bem à frente do seu tempo e das suas condições, fazendo o melhor para que os filhos não enfrentassem as mesmas dificuldades que eles enfrentaram.

Eles foram minha maior motivação a começar a estudar, mesmo com todas as dificuldades que existia naquela época, principalmente financeiras. Uma das frases preferidas do meu pai era que "a pessoa só tem futuro se estudar", frase que se tornou um hino na minha casa, e que eu ouvia constantemente.

Por isso friso que os laços parentais são os mais fortes que lembro, pois, “a força desses laços de parentesco se expressa nos laços de lealdade e de fidelidade que engendram e que se manifestam não apenas na preservação das relações mais ou menos ritualizadas, mas igualmente nas convicções adotadas” (JOSSO, 2006, p. 376), e que muito perpassa a vida das pessoas, visto serem eles,

Os laços de parentesco são, indubitavelmente, os mais evocados nos relatos, quer sejam laços herdados por nascimento, quer sejam laços de aliança. Alguns estruturam a trama da narração, outros desaparecem ao longo do relato sem que isso signifique uma ruptura ou um parêntese momentâneo: simplesmente eles deixam de ser significativos do ponto de vista da formação. É como se tivessem cumprido um tempo. (JOSSO, 2006, p. 376)

É certo que a família é um dos mais importantes aliados no fortalecimento da estruturação da vida social dos seus membros, sendo uma fonte de apoio e suporte que nos ajuda no desenvolvimento do caráter, da moral, da formação física, psicológica e religiosa.

A nossa formação como indivíduos traz laços que são herdados através de nossa família. Fui criada de uma forma patriarcal, onde o homem sempre foi o provedor do lar, e a mulher tinha o papel de casar-se, ter filhos, cuidar dos afazeres domésticos, do marido e dos filhos. Aprendi tudo isso!

Enquanto crescíamos sonhávamos muito, imaginando como seria nossa vida adulta, nossos relacionamentos, nossa formação e a vida profissional, mas não tínhamos muitas perspectivas de mudanças ou melhorias. A vida era uma rotina constante de trabalho na roça e de luta pela sobrevivência, e não tínhamos tanta esperança de que essa realidade pudesse mudar algum dia.

Apesar de nutrir um imenso amor pela terra de onde vim, costumo brincar dizendo que o povoado onde nasci não consta nem no mapa, uma vez que não havia escolas, professores e sequer livros para leitura infantil. Tudo que conhecíamos era o cotidiano da lavoura, o suor de nossos rostos e a esperança de um dia realizar cada um dos objetivos propostos nas nossas vidas.

Eu e meus irmãos começamos a trabalhar desde muito cedo, pois precisávamos auxiliar com as despesas da casa. Todos sabiam que – no que diz respeito ao lugar em que eu nasci – não havia quaisquer perspectivas de estudos, razão pela qual era necessário que saíssemos de lá em busca de trabalho e oportunidade de estudos, ou seja, realizar o êxodo rural.

Foi em abril de 1979, que eu e minha família nos mudamos para o Piquiá, povoado que fica 16 km do município de Açailândia/MA, em uma longa viagem que durou três dias pelas estradas ruins do interior do Maranhão, nas quais os caminhões atolavam a todo instante, atrasando a chegada.

Toda a viagem ocorreu em cima de um caminhão “pau de arara”, meio de transporte muito utilizado e conhecido pelo povo maranhense. Não consigo mensurar o quanto esta viagem foi sofrida até chegarmos ao nosso destino final, mas, como nos mudamos em busca de melhorias e, principalmente, a procura de oportunidades para mim e meus irmãos estudarmos, sabíamos que valeria a pena.

Figura 06 – Foto ilustrativa do veículo denominado de "pau de arara"



Fonte: BOCAIUVA (s.d).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZetVNdnubOo>. Acesso em 08/05/2023.

Desde muito cedo, o meu grande desejo era estudar, mas a escassez de recursos financeiros, a falta de tempo e a elitização das universidades tornava árdua a caminhada de muitos jovens que, assim como eu, vinham do interior do Maranhão, de um contexto de muita pobreza.

Importante se considerar que somos levados pela ação cultural, pelo modo como a sociedade que se encontra em nossa volta se comporta, e é por meio desse processo que nos tornamos aquilo que se pretende ser. É através da cosmovisão e do sentido de mundo que passamos a compreender e ter a sensação de pertencimento, de tal modo que seja possível confirmar aquilo que somos.

Quando chegamos nesse povoado, minha mãe sempre se mostrou muito preocupada com a nossa educação, pois tinha medo de que, com o trabalho da roça, acabássemos perdendo todo o interesse na escola, permanecendo sem qualquer contato com a educação. Por isso, apesar do pouco conhecimento que possuía, minha mãe sempre nos ensinava as letras do alfabeto e os cálculos simples da tabuada.

Passados alguns meses, meus pais decidiram que eu deveria ir para a cidade de Açailândia/MA para iniciar os estudos básicos, pelo fato de eu ser a mais velha dos filhos e não ter tido qualquer contato com a escola até então.

A minha mudança ocorreu no mês de abril de 1979, encerrando em julho de 1980, período no qual residi na casa de uma tia. Todo o meu processo de alfabetização ocorreu na Escola Municipal Artur Azevedo, que na época era administrada por padres e freiras, que residiam ao lado do prédio da escola.

Eu me recordo que a escola não possuía muitos recursos. Os livros eram poucos, guardados em um armário de madeira em uma das salas da escola, os quais só conseguíamos utilizar com a autorização da professora. Em razão da situação precária, muitos dos materiais didáticos utilizados eram feitos de produtos simples como feijão, milho, peças de madeiras e mapas de papel, os quais eram guardados em caixas de sapatos.

Minha adaptação naquele lugar foi bem difícil, pois eu era uma criança vinda do interior, bastante tímida e que geralmente não falava muito com outras pessoas. Aquela mudança de ares me fez crescer muito, pois passei a ter contato não somente com os colegas de classe, mas também com os padres, freiras e professoras que sempre foram muito carinhosos e cuidadosos conosco.

Infelizmente, não consigo me recordar o nome da minha primeira professora, que também era uma freira. Ela fez uma diferença incrível em minha vida, por sua maneira de ensinar, sempre carinhosa e atenciosa que, por muitas vezes, nos levava para aulas ao ar livre, no pátio da escola. Apesar de dinâmica, a maioria de seus métodos ainda eram tradicionais, que consistiam na mera transmissão de conhecimento pronto, com muita memorização de conteúdos, sem qualquer senso crítico. Muitas das atividades eram de cobrir as letras e números, pintar e decorar os seus respectivos nomes.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de

ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, Paulo. 1996, pg. 21)

Na visão de Ferreiro (2001), muito do ensino tradicional de crianças consiste na mera focalização nos elementos objetivos da realidade, nos quais se ignoram todos os aspectos construtivos e subjetivos, tão importantes para a formação cognitiva dos indivíduos.

Nessas aulas, os momentos dos quais eu mais gostava eram os de contação de histórias por meio de um ensino lúdico. Essas leituras eram realizadas todas as sextas-feiras à tarde, onde as crianças ficavam sentadas embaixo de uma mangueira localizada no meio do pátio da escola e a professora lia os livros de história com todos os alunos.

A professora conseguia despertar em todos o desejo pela leitura, sendo esses um dos motivos pelos quais eu não tive dificuldades para ler e escrever logo no início da minha vida escolar, na primeira série, com 08 anos de idade. Nesse espaço de tempo, minha tia França me ajudava nas atividades, quando, ao final do primeiro semestre, retornei para a minha família na roça.

Com o passar dos dias, minha mãe tinha consciência de que eu e meus irmãos precisávamos voltar para a escola. Ela já estava com limitações em nos ensinar, então decidiram comprar uma casa em Imperatriz/MA, onde eu e meus irmãos passamos a residir e retornar a escola, foi muito difícil ficar longe dos meus pais, com toda a responsabilidade dos meus irmãos sobre mim.

A razão central da mudança foi a preocupação da minha mãe com a educação dos filhos. A vinda para a cidade de Imperatriz traria mais oportunidades de estudos para todos nós, diferente da realidade do interior, onde não tínhamos oportunidade e nem possibilidade de continuar os estudos.

Eu e meus irmãos morávamos sozinhos nessa época, motivo pelo qual tive que assumir a responsabilidade por eles, tendo em vista ser a irmã mais velha. Nesse período, meus pais continuaram a viver e trabalhar no Pequiá, enquanto mantivemos nossos estudos morando sozinhos na cidade de Imperatriz.

Sempre tivemos o entendimento do poder da educação na vida do indivíduo e o quanto os horizontes se abriam, e que todas as lutas inevitáveis, eram a única forma de retribuirmos todo o esforço e dedicação feito pelos meus pais.

Assim, iniciei o Ensino Fundamental na Escola Municipal Tiradentes, onde eu cursei até a quarta série. Recordo-me de minha professora da terceira série, que se

chamava Maria do Socorro, tenho ótimas lembranças dela, sempre muito calma, acolhedora, e muito didática. Apesar de usar o método tradicional em sala de aula, a professora Maria, sempre inovava com a metodologia nas aulas de matemática que ocorriam na quinta-feira a tarde, sempre nos levando para o pátio, e usando grãos para nos ensinar as quatro operações matemáticas.

A matemática sempre foi uma disciplina muito prazerosa para mim. A escola buscava sempre incentivar os alunos, através de premiações para as melhores notas. Eu sempre conseguia me destacar dentro do âmbito escolar e assim fui conseguindo ficar entre os três melhores alunos de toda a escola.

Nesse contexto, importa elencar o que afirmam Ferreira et al (2011) ao tratar sobre o modo como as habilidades individuais tendem a ser geradas pelas competências em meio ao processo de identidade e diferenças:

Acreditamos que tanto o professor como o aluno têm direito a um ambiente escolar seguro, que lhes favoreça uma convivência interpessoal de respeito a dignidade humana e a cidadania, caracterizada pela aceitação e acolhimento das diferenças individuais, sendo estas variáveis essenciais para a saúde e o bem-estar psicossocial durante a realização das atividades do ensino-aprendizagem. (MASCARENHAS, 2006 apud FERREIRA et al, 2011, p. 3)

Desse modo, apesar da estrutura física escolar precária, com falta de materiais didáticos, o ambiente escolar era bastante prazeroso, fazendo com que eu pudesse ultrapassar tais obstáculos finalizando a minha educação primária. Após esse período fui transferida para outra escola pública estadual – Unidade Ensino de 1º grau Nascimento de Moraes, pois a escola que eu estudei anteriormente não ofertava a quinta série.

Foi um momento novo e desafiador, onde pude ter contato com muitos professores, já que cada disciplina era ministrada por um professor diferente, o que também me chamou muito a atenção. Com o decorrer dos meses, fui me adaptando a esse novo cenário, mas percebi que as dificuldades só aumentavam e as aulas tinham um grau mais avançado, fazendo com que eu passasse de ano com algumas dificuldades.

Já na sexta série, conseguir fazer grandes amigos que me acompanharam até o ensino médio. Neste ano, me aprimorei nas matérias de ciências naturais, apesar de ter uma certa dificuldade na área de cálculos matemáticos.

Naquele ano, tive uma professora que merece o meu destaque, a querida Marizete Leite Coelho – ela ministrava a disciplina de ensino religioso – que despertava a melhor versão de cada aluno, nos impulsionava a estudar e conseguir tornar a educação e o amor pelo saber algo essencial. Conforme Freire e Horton (2003, p. 14), pode se entender, de forma plena, que “o professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil que possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos”.

Durante a sétima série, a escola começou a oferecer atividades interativas para que os alunos também desenvolvessem seu lado artístico. Tínhamos gincanas, olimpíadas de perguntas e resposta, competição musical dentre outras atividades. Nesse período, tive a oportunidade de me tornar líder da sala, desenvolvendo habilidades essenciais como a organização de trabalhos em grupo, além de ajudar os professores com atividades diárias.

Com a chegada da oitava série, conclui meu último ano na Unidade de Ensino de 1º grau Nascimento de Moraes no ano 1986. Sentia um misto de emoções: a saída do ensino fundamental para o tão esperado ensino médio. Estava com um certo receio de entrar em uma nova realidade, mas alegria de estar avançando nos estudos era maior.

Quando a jornada no ensino fundamental findou, a escola anterior fazia a transferência dos alunos aprovados automaticamente para a Centro de Ensino de 2º Graça Aranha. Nessa época a escola ofertava cursos técnicos profissionalizantes, e eu logo escolhi o curso técnico de administração de empresas, acreditando que o ingresso no mercado de trabalho seria mais fácil, pois as dificuldades financeiras eram tamanhas. A seguir apresento imagens da turma e eu:

Figura 07 – Ensino Médio



Fonte: Acervo Pessoal.



Fonte: Acervo Pessoal

Embora tenha sido um ensino tradicional, com o professor sendo a figura central em sala de aula (o único detentor do conhecimento) e os alunos reduzidos a meros espectadores da aula, apenas memorizando e reproduzindo o que foi ensinado, a professora Maria da Guia marcou minha vida de forma relevante.

Ela era uma professora meiga, acolhedora e visionária, com uma prática concreta gerando valores nos alunos. Em um momento notável em sala de aula ela disse: *“se esforcem, tenham objetivo, o ensino e o conhecimento não se resumem*

apenas ao ensino médio, tem muita coisa ainda pela frente, não se conforme somente com o ensino médio, busquem realizar os sonhos de vocês”.

Nunca esqueci essa frase, e acredito que nem ela mesmo se lembre, mas aquele pequeno momento acabou marcando nossas vidas naquela tarde. Sempre fui muita observadora, e nesse cenário de despedidas do ensino médio, eu olhava meus amigos contemplando o futuro: uns queria se casar, outros viajar, e outros simplesmente almejavam uma oportunidade de emprego, e nesse grupo que buscava um emprego me adequiei.

Conclui o ensino médio no ano de 1990. Foram três anos intensos, cheios de novas descobertas, e eu me vislumbrava em uma formação superior... Dois anos depois comecei a trabalhar e em outubro de 1993 me casei, iniciando assim uma família e uma vida profissional, longe da sala de aula.

Figura 08 – Meu casamento



Fonte: Acervo Pessoal

1.3 O ensino superior: o caminho para a docência

A vida seguiu seu curso e novas histórias foram escritas, mas enquanto eu lutava com esperança eu esperava. Se passaram longos 26 anos para que eu pudesse finalmente rever minha trajetória, trilhar novamente por caminhos deixados para trás ou abandonados por mim mesmo, voltar a refazer-me outra vez como mãe, esposa, aluna e futura professora. Todo esse processo me encheu de sentimentos, sentimentos estes que foram um misto de medo e coragem.

Meus filhos sempre foram meus maiores incentivadores nesse retorno aos estudos.

Eu me sinto muito honrada e grata por ser mãe e por ter tido o privilégio de gerar dois filhos tão maravilhosos. No momento em que esse texto foi escrito, meu filho mais velho, Gabriel Sabino Frazão Mendes, já se tornou advogado formado pela UFMA, e minha filha caçula, Anna Beatriz Sabino Frazão Mendes, está ingressando no curso de Medicina, pela universidade CEUMA na cidade de Imperatriz.

Consegui transferir para eles o amor e o desejo pelo conhecimento, além da importância dos estudos na vida pessoal e profissional.

Lembro-me muito bem de numa tarde de quinta-feira, do mês de março de 2015, meu filho me falar: *“Mamãe está na hora de você voltar a estudar, até quando você vai aumentar a audiência do SBT? Assistindo novela mexicana?”*

Fiquei sorrindo, mas o comentário me deixou muito reflexiva. A partir desse momento comecei a me mover, lutar com esperança, buscando alcançar o que eu desejava, que era ter uma graduação.

E nesse novo cenário de ressignificações, firmei meus passos e, no ano de 2015 decidi que era hora de voltar aos estudos. A certeza era tanta que já tinha o curso escolhido bem definido: “pedagogia”. Sempre acreditei que a educação é um caminho que abre portas para a vida, fazendo com o indivíduo cresça em todas as esferas, sejam elas, psicológica, social, financeira etc.

No semestre 2016.2, após 26 anos sem contato algum com a sala de aula, pude realizar o meu sonho mais almejado, cursar pedagogia, ingressei na UFMA- Universidade Federal do Maranhão através do programa SISU – Sistema de Seleção Unificada.

Ao adentrar no ambiente acadêmico, pude perceber um novo mundo, desde a forma como os indivíduos se portavam, a maneira de falar, a metodologia aplicada em sala de aula, um universo novo para mim.

Lembro-me do primeiro dia de aula, onde tive contato com o professor Francisco Almada, bem-humorado e muito expressivo, dando as boas-vindas aos calouros de pedagogia. Ele foi muito acolhedor e receptivo, passando todas as informações necessárias do funcionamento do curso, e a atuação da UFMA - Universidade Federal do Maranhão, no meio acadêmico.

Os meus sentimentos em relação a essa nova realidade mudavam a todo momento, devido ao fato de eu ter passado tanto tempo fora da sala de aula. Senti

muitas dificuldades em achar um método de estudos, pois o curso de pedagogia é bem completo, com uma literatura muito rica, e professores extremamente capacitados, motivo pelo qual o aluno que ingressa no curso de pedagogia deve desenvolver habilidades com a leitura e uma capacidade de discussão interpretativa boa.

Por conta disso, em vários momentos me senti “enferrujada”, casada, com dois filhos, trabalho, uma vida excessivamente corrida, fui tentando ao máximo me adaptar a essa nova realidade.

Fui me adaptando aos poucos e percebendo que tinha muitas mulheres na fase adulta na minha sala, por se tratar de um curso noturno, onde os acadêmicos, geralmente, trabalham e estudam.

Como me considero uma pessoa muito expressiva e sociável, fiz amizade com pessoas de todas as idades, os quais seguiam lutando para a realização do objetivo de alcançar a formação acadêmica. As lutas eram mútuas: a grande maioria dos meus amigos trabalhavam durante o dia e estudavam a noite, devido ao cansaço presenciei várias vezes alguns deles desanimados e até cochilando na sala de aula. Mesmo diante de tantas adversidades, nós nunca desanimamos.

Depois de formada quero desempenhar essa profissão tão honrosa: ser educadora. Poder realizar meu sonho aos cinquenta anos é algo muito significativo para mim, pois a minha história é um exemplo para outras mulheres que, independentemente da idade ou situações adversas, são capazes de realizar seus sonhos. Basta acreditar nele, ter força, coragem e muita motivação.

A vida é única e espetacular, não podemos enterrar nossos projetos de vida, pelo medo dos riscos que surgirão. Obstáculos vão vir no decorrer do caminho, mas com persistência e muita fé podemos superá-los e tornar nossos sonhos realidade:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo aos jovens e aos recém-pesquisadores em suas comunidades (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27).

Os dilemas enfrentados nesses praticamente seis anos de vida acadêmica, foram enormes, fazendo com que a minha visão de mundo se ampliasse. O aprendizado, o conhecimento adquirido por mim, foram maiores do que todos os obstáculos enfrentados, superando todos os desafios que surgiram. Os momentos de alegrias e descontração foram muitos, amizades que vou levar para vida, dentre elas

amigas, mulheres fortes, guerreiras, que juntas apoiávamos umas às outras para dar continuidade ao nosso sonho: nos formar em um curso superior e ser exemplo para outras mulheres.

2 OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: (RE)FAZER-SE NA DOCÊNCIA

Este capítulo é composto de memórias marcantes da minha vida acadêmica, que se iniciou como uma garota pobre e sem instrução do interior do Maranhão, e terminou como uma educadora graduada pela UFMA. Busco lembrar e recuperar todo o percurso traçado até aqui, as influências e os eventos marcantes que, de alguma forma, impactaram a minha história de formação e, sem dúvidas, de atuação profissional.

De acordo com Paiva (2008), são inúmeros os significados incorporados em nossa vida que decorrem de nossa história, algo que nos foi contado ou que por nós foi contado, ou mesmo eventos passados que, analisados de forma lógica e cronológica, ampliam a nossa visão sobre o processo formativo:

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história, algo contado ou recontado, um relato de um evento real ou fictício; uma série de eventos lógicos e cronológicos etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigados na área de linguística aplicada. (PAIVA, 2008, p. 1)

Em outras palavras, as narrativas autobiográficas sempre são uma representação de alguém. É um recontar, uma reconstrução feita através da narrativa. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: diários, autobiografias, narrativas escritas, caixa de memórias e gravações de narrativas gerais (PAIVA, 2008). As narrativas de vida, portanto, têm levado os sujeitos a desenvolverem uma visão mais reflexiva sobre suas próprias vivências e sobre a construção da sua própria trajetória.

Dito isto, interessa destacar que, na graduação, um dos momentos mais marcantes e significativos foi quando adentrei em uma sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental, podendo assim mais aprender do que ensinar. Foi por meio do PIBID que esse caminho se tornou propício.

2.1 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID

O PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira

metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas.

O programa visa conceder bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino.

Os projetos devem promover a iniciação do acadêmico no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica.

O PIBID é norteado pela vivência da prática docente no espaço da sala de aula, por meio de um trabalho de letramento e reforço do desempenho escolar com alunos iniciais do ensino fundamental em defasagem de aprendizagem, despertando o interesse do aluno não somente nos aspectos que envolvem o espaço de sala e aula e as relações de ensino-aprendizagem, mas também, as questões referentes à organização e ao funcionamento da gestão da escola, procurando identificar o espaço do professor nesse âmbito de atuação.

O programa nos forneceu a oportunidade de ter contato com a realidade, limitações e inúmeros obstáculos do universo escolar, preparando-nos para aplicar toda a bagagem teórica adquirida nas salas da Universidade à prática pedagógica.

O relato de todos os acontecimentos narrados e comentados buscaram a sistematização das aprendizagens obtidas no ambiente escolar, mais precisamente na Escola Municipal Mutirão, tendo em vista as atividades realizadas pela equipe de estagiários.

Este período foi um grande desafio para todos os acadêmicos, vez que terão contato com os diversos problemas enfrentados por todos os profissionais – professores, pedagogos, diretores – que tem doado suas vidas nas salas de aula.

Percebe-se que as limitações de ordem econômica, estrutural e o déficit de profissionais capacitados são as maiores barreiras para o desenvolvimento de uma boa educação, fazendo com que todos os que trabalham especificamente com educação infantil tenham que utilizar da criatividade para desempenhar suas funções, retirando, muitas vezes, dinheiro do próprio bolso para custear algumas atividades para as crianças.

2.1.1 Minhas percepções sobre o campo, sujeitos e processos

O programa foi realizado na Escola Municipal Mutirão, localizada na Avenida Newton Bello, sem número, bairro Santa Inês, entre os meses de setembro de 2018 a janeiro de 2020. Dentro do ambiente da Escola Municipal Mutirão, compreendi que a gestão tem por missão assegurar o desenvolvimento da comunidade educativa, a reconstrução de uma aprendizagem de qualidade, formando cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres sociais. Primar pelo desenvolvimento pleno das aptidões e habilidades dos indivíduos, compreendendo a educação como instância mediadora das transformações sócias (PPP, 2019).

As famílias dos alunos que compõem a comunidade escolar Mutirão, em sua maioria, têm pouca escolaridade, o que não impede o comprometimento em trabalhar em parceria com a escola, em prol das melhorias no aprendizado das crianças. Neste ponto, é essencial destacar o papel dos pais para o desenvolvimento da educação dos indivíduos. Leia-se:

Essa participação dos pais na vida da escola tem sido observada, em pesquisa internacionais, como um dos indicadores mais significativos na determinação da qualidade do ensino, isto é, aprendem mais os alunos cujos pais participam mais da vida escolar. (LÜCK, 2009, p. 86)

A participação dos pais na educação dos filhos contribui, de forma significativa, para a melhoria da qualidade do ensino e do aprendizado dos filhos. Assim, percebia-se o cuidado que os pais tinham, mesmo não sendo instruídos, de levar seus filhos para a escola, e assim trilhar o caminho destes no seio educativo.

Em sua estrutura física, a instituição possui 7 (sete) salas de aula, 1 (uma) sala para correção de fluxo, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) sala de secretaria, 1 (uma) sala de informática conjunta à uma sala de leitura, 1 (uma) cozinha, 1 (um) banheiro feminino com divisórias e 1 (um) banheiro masculino de quatro divisórias.

Figura 09 – Vista da fachada da Escola Mutirão (primeira foto) e da biblioteca (segunda foto)



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

É perceptível que a estrutura física da escola é bem ampla e espaçosa, porém necessita de inúmeras melhorias para o melhor bem-estar das crianças. É necessária uma reforma nas salas de aula, na área de lazer e a construção de uma sala para os professores mais ampla e ventilada etc.

Após o término do período de bolsa, em janeiro 2020, foi-nos informado que a estrutura física da escola fora reformada pela atual gestão do Município de Imperatriz, com mudanças estruturais internas e externas para maior conforto dos alunos.

Tendo em vista que a escola precisa ser um ambiente bonito, agradável e acolhedor, uma estrutura bem pensada para as crianças desperta diretamente o seu interesse. O aluno que já é interessado se torna mais ativo e participativo, tem mais vontade de estar na escola e isso reflete no seu desempenho e aprendizado.

No que se refere aos servidores, pode-se afirmar que reina uma atmosfera de amizade companheirismo e cumplicidade entre os sujeitos no âmbito escolar. O bom clima organizacional é perceptível, já que todas as pessoas que trabalham da escola são bastante receptivas e afetuosas. Em várias oportunidades pude perceber a ajuda mútua entre os profissionais da escola.

Todos os bolsistas foram muito bem recebidos por todos na escola e a gestora nos acompanhou durante todo o período do programa, em especial nos dias iniciais da observação.

A gestora da Escola Municipal Mutirão não adentrou em assuntos de cunho financeiro e jurídico da administração da escola, limitando-se ao apresentar a gestão de caráter democrático e pedagógico. É visível que, no ambiente escolar em comento, que a participação democrática é um dos seus principais pilares, vez que é um

interesse geral dos servidores de que os pais dos alunos participem ativamente da vida de seus filhos, inclusive tendo participação em certas decisões na escola municipal.

Nesta senda, a gestão participativa da Escola Municipal Mutirão proporciona uma maior proximidade entre todos os envolvidos no processo de ensino, reduzindo desigualdades e melhorando os relacionamentos dentro da escola. Leia-se:

A participação constitui uma forma significativa de, ao promover maior aproximação entre os membros da escola, reduzir desigualdade entre eles. Portanto, está centrada na busca de formas mais democráticas de gerir uma unidade social. Define-se, pois, a gestão democrática como o processo em que se criam condições para que os membros de uma coletividade não apenas tomem parte, de forma regular e contínua, de suas decisões mais importantes, mas assumam responsabilidade por sua implementação. Isso porque democracia pressupõe muito mais que tomar decisões: envolve a consciência de construção do conjunto da unidade social e de seu processo de melhoria contínua como um todo. (LÜCK, 2009, p. 57)

Portanto, a participação democrática implica no engajamento de todos os sujeitos que se envolvem de forma dinâmica no processo de ensino, vez que assumem a responsabilidade de agir com empenho e competência no desenvolvimento social e cultural da escola.

2.1.2 Principais atividades realizadas no PIBID

Uma das atividades realizadas foi a encenação teatral. Esta é uma ótima ferramenta para a aprendizagem, pois o teatro promove oportunidades para que crianças, adolescentes e porque não dizer, adultos, conheçam, observe e confronte diferentes saberes a partir de sua realidade. O teatro assume, portanto, uma função social e política, pois proporciona que os fatos narrados possam ser representados. Isto impulsiona o sujeito a recriar a realidade, o seu contexto social. Sob esse prisma, compreendemos que as histórias encenadas ou os momentos simbólicos podem emergir dos processos de imitação, simbolização e jogos que acontecem na infância e, por isso, tornam o aprendizado mais rico e espontâneo. Este modo de pensar envolve, indubitavelmente, a capacidade de ler e interpretar o mundo a nossa volta.

O projeto foi desenvolvido em forma de encenação teatral utilizando um livro vivo para “contação” e interpretação de uma história com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no turno matutino. Para o desenvolvimento do trabalho foram confeccionados recursos didáticos que auxiliaram no momento da encenação da peça teatral. Ao término da apresentação teatral, realizamos um breve encontro para reflexão sobre o enredo, o texto e a interpretação do texto, ou seja, a construção do sentido.

Figura 10 - Apresentação teatral de incentivo à leitura na Escola Mutirão



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Compreendemos que as apresentações teatrais na escola são apenas uma das diversas modalidades artísticas que devem ser contempladas ao longo do ano, na escola. Não só em datas comemorativas, mas também em diferentes momentos de leitura, escrita, cantorias e brincadeiras que devem ocorrer continuamente, dentro e fora da sala de aula. Ademais, o uso desse recurso (o teatro) desperta inúmeras habilidades em quem dela participa: exercícios corporais, habilidades linguísticas e artísticas etc., como por exemplo, nesse período de atividades realizadas com a turma, descobrimos formas divertidas de ler e/ou contar histórias. Reiteramos, portanto, que há uma necessidade urgente de reinventarmos na escola, espaços de convívio com a arte em suas diversas linguagem.

Figura 11 – Incentivo à leitura através da peça teatral



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

A música, a dança, o teatro, a leitura literária, enfim, tudo o que houver de mais encantador e prazeroso para a criança. De modo que o prazer de conhecer, ler e escrever ultrapasse uma simples diversão. Mas que seja produtivo e faça a criança e o adulto evoluírem como sujeitos atuantes. Nessa perspectiva, situações como essa que realizamos, devem acontecer com mais frequência no ambiente escolar, favorecendo o desenvolvimento (de novas habilidades para despertar (nos professores) e, nas crianças, mais motivação para aprender.

Outra atividade de grande relevância foi o Projeto Dia de Ler Todo Dia. A programação se iniciou com a turma do 1º ano realizando uma pequena apresentação sobre os animais da floresta, todas representavam um animal. A turma do 2º ano interpretou o livro “Só um minutinho” com uma peça teatral bem divertida e dinâmica. A turma do 5º ano recitou um poema “Minha terra” do artista loca Zeca Tocantins.

Figura 12 – Projeto Dia de Ler Todo Dia



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Uma etapa importante realizada no PIBID foi o auxílio na alfabetização das crianças do 2º ano. O projeto consistiu no reforço escolar com alunos que tinham dificuldade de aprendizado. A realização da atividade proposta se deu na sala de recursos, lá utilizamos fichas de leituras e jogos pedagógicos para uma melhor compreensão do assunto abordado. No período das atividades notamos uma melhora significativa no desenvolvimento das crianças.

Figura 13 – Alfabetização das crianças do 2º ano – séries iniciais



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Outro ponto de bastante valia dentro do processo de desenvolvimento do PIBID foi a possibilidade de encontros com a equipe pedagógica, a fim de favorecer o planejamento metodológico das aulas. Os bolsistas foram acolhidos pelo corpo docente, fazendo parte dos encontros pedagógicos, onde várias temáticas foram abordadas tais como o calendário anual, planejamento das atividades em sala de aula, plano de aula, período de diagnóstico das crianças, avaliações etc. Foram dias

enriquecedores para o nosso aprendizado e crescimento profissional como estagiários.

Figura 14 – Encontro Pedagógico



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Por fim, uma das principais experiências no âmbito do PIBID, sem dúvidas, foi a participação no espaço de leitura do SALIMP (Salão do Livro de Imperatriz). O Espaço Infantil de Leitura é uma iniciativa da professora Tereza Bom Fim, que tem como foco desenvolver momentos de LEITURA de histórias. Essa iniciativa contou com a participação dos bolsistas PIBID, sob a coordenação e participação ativa da própria professora. No que concerne a sua estrutura, essa proposta busca atrair as crianças para o mundo da fantasia, imaginação e exercitar na criança a sua capacidade de ler palavras e imagens e despertar um olhar apreciativo em relação à Literatura.

Trata-se de uma ação educativa pela leitura, realizada no Salão do Livro de Imperatriz. As três escolas participantes do PIBID, e as supervisoras participaram. O Espaço Infantil de Leitura funcionou nos três turnos no período de 4 a 13 de outubro de 2019. Grupos de leitores bolsistas divididos nos três turnos, participaram das várias sessões de trabalho. Efetivamente, a meta é exercitar na criança a capacidade de ler, imaginar, fantasiar, falar, ler, escutar.

Figura 15 – Espaço Infantil de Leitura (SALIMP)



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

O subprojeto Letramento: uma prática educativa que (des)envolve professores e alunos, desenvolvido ao longo dos últimos dezoito meses (2018-2020) teve como principal compromisso colaborar com a formação pedagógica dos bolsistas, futuros professores. Nosso intento foi o de promover espaços de discussão e reflexão constantes sobre os saberes da profissão, transformando o espaço escolar em um cenário real de descobertas, aprendizados, recomeços, desafios e perspectivas.

Diversos eventos foram realizados ao longo desse período: Semana do Brincar; Dia do Brincar; Sarau Poético; Cantata de Natal; Baú de Histórias; Espaço Infantil de Leitura (no SALIMP); Oficinas de Leitura Literária e, por último, o Seminário de Iniciação à Docência - SEMID, que contou com diversas apresentações de Banners e Comunicações Orais sobre as experiências realizadas. Além disto, inúmeras atividades foram realizadas em cada escola, dentro e fora das salas de aula.

Tudo o que foi vivido por cada bolsista, supervisora, coordenadora do programa e, em especial, o que cada criança teve a oportunidade de vivenciar, certamente, deixou uma marca indescritível e significativa para toda a vida. Buscamos dar ênfase ao poder e força artística da literatura, capaz de potencializar a sua dimensão humana e formadora. Acreditamos que a literatura é uma das grandes âncoras do conhecimento, organizadora da mente, do espírito e da sensibilidade.

Para mim, o que persistiu foi a convicção de que a educação continua sendo o desafio mais urgente e atual. Com efeito, o que temos a fazer é assumir a nossa formação profissional, tornando-nos mais preparados para ler e escrever em suas múltiplas formas de expressão. Programas como este devem ser ampliados e aprimorados, a fim de abranger um maior número de estudantes e profissionais que, com dedicação e trabalho, possam colaborar significativamente para a melhoria da educação em nosso país.

2.1.3 Minhas experiências, desafios e mediações no PIBID

As experiências vivenciadas no período do Programa, realizado na Escola Municipal Mutirão, foram de grande relevância para mim e para os demais colegas, pois foi um período muito interessante e desafiador para todos nós.

Um dos aspectos fundamentais do estágio, como já citado, é o fato de que se trata de um momento da formação que se desenvolve fora da instituição acadêmica e longe da proteção que esta costuma estender sobre seus estudantes. Deste modo, os estudantes devem enfrentar uma situação nova, cujas lógicas de funcionamento diferem das acadêmicas. “É preciso se adaptar aos novos horários, às expectativas, às tarefas, às relações e a todo o novo cenário, além de encontrar nele o próprio espaço, o que nem sempre é fácil” (ZABALA, 2014, p. 239).

Não obstante os diversos obstáculos enfrentados, o período do Pibid foi repleto de aprendizado, desde o contato com os servidores como com as próprias crianças. Os profissionais responsáveis em nos acompanhar por todo período da bolsa foram as Sras. Otenilde Brito Meireles (Docente Supervisora) e a coordenadora pedagógica Sra. Maria Elielza, que se propuseram em todos os momentos a nos atender com as informações necessárias no decorrer do programa.

A gestora da escola se mostrou muita acolhedora frente ao referido programa, nos dando livre acesso às dependências da escola para o desenvolvimento das

atividades e do planejamento junto aos professores. Como bolsistas, tivemos a oportunidade de observar vários aspectos no que se refere a todo processo organizacional da escola, ao bom funcionamento do ambiente escolar e à missão da instituição.

No período de diagnóstico, percebi que a escola está dentro da modalidade de gestão democrática e participativa, pois é notório um ambiente concordante, de respeito, ajuda, diálogo e troca de informações entre todos.

Foram dias de muito aprendizado e troca de experiência tanto profissional quanto pessoal, em razão das relações e interações vividas com os funcionários e alunos da escola.

O programa me ajudou muito a crescer como profissional e a desfazer concepções erradas que eu tinha a respeito de como era se trabalhar numa escola, justamente pelo fato de ainda não ter tido uma oportunidade de trabalhar remunerado no âmbito escolar. Acredito que quando eu retornar ao ensino público como professora, toda a experiência que eu tive vai me ajudar a ser uma melhor profissional.

O programa trouxe consigo diversas experiências não antes vividas, o que por sua vez nos proporcionou ampliar nosso conhecimento sobre o universo escolar, entendendo, no processo, como funciona a organização institucional, qual o papel do professor e sua função dentro da conjuntura escolar.

O PIBID ainda nos possibilitou a junção de saberes entre a teoria e a prática, uma vez que nos deu condições de desenvolver um olhar crítico e reflexivo em torno da gestão educacional e suas distintas faces.

A escola aos poucos vem rompendo com o tradicionalismo, reavaliando o trabalho docente, dando ênfase para um trabalho voltado para o acolhimento e aprendizado dos alunos, bem como possibilitando que todos os pais tenham voz ativa em todos os seguimentos na estrutura da escola.

Esta realidade provocou um grande impacto em todos os alunos universitários que se propõem a vivenciar, como estagiários, a realidade do ambiente escolar, tendo em vista que os referidos obstáculos impossibilitam a prática de incontáveis técnicas e conceitos aprendidos na Universidade.

Entretanto, a experiência obtida nesses meses, o conflito de valores e ideias e o contato com a complexa realidade do ambiente escolar proporcionam uma ressignificação do ser profissional da educação. É necessário que o pedagogo tenha um amplo conhecimento teórico e científico, devendo inclusive desenvolver a

sensibilidade e o cuidado que só se adquire com a experiência prática, para que possa lidar com os desafios constantes do dia a dia da sala de aula.

Ao encerrar esse percurso traçado como bolsista, fica evidenciado os questionamentos, desafios e percepções vividas nesse período, tal como o grande aprendizado adquirido por todos os que participaram do período do programa. Resta, por fim, somente a certeza de que essa experiência foi muito marcante e significativa, tanto na formação profissional de cada um de nós, como em nossa vivência como seres humanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem é algo que está em constante expansão e se desenvolve ao longo de uma tênue linha histórica, por meio dos saberes, das vivências, das experiências, das contribuições, dos percalços e dos obstáculos vividos por aqueles que buscam o conhecimento. O aprendizado é algo diário, constante, que se evolui, e que é persistente, no sentido de não ser criado, mas sim ser transformado a partir das interações sociais.

Nesse sentido, fazer um relato autobiográfico se mostrou como uma forma de não apenas expor uma realidade intimista sobre o processo formativo, mas também de demonstrar a importância da educação como instrumento de rompimento da opressão social, como afirma Paulo Freire. Foi por meio da educação que uma criança pobre conseguiu vencer na vida. Foi por meio do ensino que esta mesma criança tentou, após décadas, passar para outros a mensagem de que o ensino é importante, mas que o educar é fundamental.

Percebe-se, ao olhar para trás, que tudo aquilo que se mostrou necessário para o desenvolvimento da formação acadêmica, desde a educação infantil até o ensino superior, foi de grande valia para a formação de uma consciência de mundo sobre o papel do educador. Essa percepção se torna necessária para que se possa refletir e até mesmo criar uma autocrítica sobre quais os pontos necessários a serem melhorados e revistos.

Importante destacar que o presente trabalho contribuiu ainda para que se pudesse pensar no modo como as interações entre a sala de aula, a escola, a família, a comunidade e a sociedade impactaram na construção da formação acadêmica, de tal modo que fosse possível ampliar e colaborar para a construção de uma prática educacional.

Nesse contexto, o PIBID proporcionou um conjunto de diversas experiências que modificam para sempre nossas vidas como futuros profissionais da educação, sendo uma das principais ferramentas de humanização na educação, vez que podemos participar de forma consciente nas práticas de gestão e organização escolar, construindo conjuntamente o ambiente mais propício para a prática de ideias, saberes e experiências.

Assim, ressalta-se que a formação docente não é feita apenas na graduação, mas é permeada por toda uma história, por uma construção de identidade, que se

molda e se reafirma ao longo dos anos. Essa perspectiva é importante para que se possa auxiliar na capacitação, posteriormente, de outros que percorrerão o mesmo processo educacional.

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. Jean; CONELLY; F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia – EDUFU, 2011.

G. M. B.; FARIAS, I. M. S. Narrativas de si constituindo docentes: história de vida de professores da educação básica. **Cadernos de pesquisa**, v. 25, p. 167-184, 2018.

FALCÃO, G. M. B.; FARIAS, I. M. S. Narrativas de si constituindo docentes: história de vida de professores da educação básica. **Cadernos de pesquisa**, v. 25, p. 167-184, 2018.

FERREIRA, Valéria et al. **Percepção do professor sobre o fenômeno Bullying no ambiente escolar**. 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/textos/TL0254.pdf>. Acesso em: 07/04/2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo; HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, v.3, n.63, 413-438p. set.-dez. 2007.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformação. **Educação e Pesquisa**, Agosto, 2006.

LIMA, Lauro de O. **A construção do homem segundo Piaget: uma teoria da Educação**. São Paulo: Summus, 1984.

LUCK, H. Gestão de resultados Educacionais. In: **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

MOURA, J. F. **Pesquisa-formação: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática**. Tese. 228p. Itatiba, 2019.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago. 2011.

PAIVA, V. L. M. DE O. E. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261–266, 2008.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUTIRÃO. 2019.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação:** quando as memórias narram a história da formação. Disponível em: <http://www.ufpa.br/npadc/educimat/docs/memorialsoligo.pdf>. Acesso em:

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.